

Moody's não reclassifica risco Brasil mesmo com a moratória

por Paulo Sotero
de Nova York

Para quem, no Brasil, não gostou da classificação BA1, que o Moody's Investors Service, de Nova York, concedeu, em novembro do ano passado, a cerca de US\$ 2 bilhões em títulos da dívida a longo prazo do Tesouro brasileiro no euro-mercado, aqui vai uma boa notícia: a declaração da moratória sobre os pagamentos das dívidas aos bancos não afetou a classificação do Moody's.

Num "comentário especial" que enviou no mês passado aos seus 2 mil assinantes, a maioria constituída por investidores institucionais, o serviço confirmou sua decisão de novembro, afirmando que a classificação BA1 "já incorporava a probabilidade de uma significativa deterioração das contas externas do Brasil bem como a convicção razoável de que, sob os cenários mais prováveis, a dívida oficial continuará a ser completamente honrada".

"Não esperamos nem mudança na classificação como resultado direto da suspensão de pagamentos de juros pelo Brasil", escreveram os analistas David Levey, Christopher T. Mahoney e Donal E. Noe. "Contudo, na medida em que nós percebemos o valor real dos empréstimos para o Brasil diminuir em consequência da erosão da capacidade ou intenção de repagamento, isso poderia ter significância analítica e implicações potencialmente negativas para a classificação."

Eles acrescentaram que a perda de valor real dos empréstimos "tem signifi-

cância analítica e pode exercer pressão para baixo sobre as classificações de bancos altamente expostos" no Brasil. O Moody's classifica a dívida de centenas de bancos americanos.

Grosso modo, o "rating" BA1 corresponde, no elenco de categorias usadas pelo serviço, à classificação "sub standard" que as autoridades bancárias do governo dos EUA deram, há duas semanas, para os empréstimos de médio e longo prazo dos bancos americanos ao Brasil, e que já levou vários deles a colocar esses ativos em regime de caixa e assumir perdas de receita muito antes do prazo em que normalmente poderiam fazê-lo.

Em seu comentário datado de 12 de março, os analistas do Moody's previram que os bancos colocariam

seus empréstimos para o Brasil na coluna do "non-accrual".

"A suspensão de pagamentos, pelo Brasil é menos importante do que os problemas econômicos subjacentes que necessitam dessa decisão."

"Esses problemas evidenciam que, depois de cinco anos de razoável crescimento da economia mundial e taxas de juro mais baixas, a crise da dívida está ainda longe de ser resolvida", opinou o Moody's, lembrando que suas análises anteriores sobre o problema já "sugeriam que os juros desses empréstimos não podem ser pagos numa base sustentável sem extraordinárias medidas de austeridade".

Numa outra passagem, o serviço chamou os resultados do Plano Baker de

"mediócras" e ofereceu uma aplicação idêntica à que as autoridades econômicas do Brasil e de outros países endividados têm dado. "Uma razão importante para o fracasso do Plano Baker é a dificuldade (dos países endividados) de levantar o capital estrangeiro suficiente para assegurar taxas razoáveis de crescimento."

Reforçando os temores já óbvios entre banqueiros, o Moody's previu que o processo aberto pela declaração da moratória brasileira será "acidentado e desordenado". O serviço aconselhou seus clientes a terem em mente que "a desordem será exagerada pela natureza descontínua da contabilidade dos bancos, que primeiro suprime e depois magnifica os problemas subjacentes".